



MITO E MORTE DO ARTISTA ENTRE O SÉCULO XIX E O XX.

Luiz Marques

UNICAMP

É propósito dessa comunicação precisar dois aspectos de uma meditação que investe progressivamente a arte do século XIX: a superação e a morte do artista, vale dizer, sua morte artística e física. Trata-se de entender a imagem da morte como noção-chave a partir da qual o artista exprime, no século XIX, percepções diversas do sentido de sua própria atividade. Ao lado da morte heróica de Leonardo, Rafael e Poussin, pranteados pelas musas e pelos reis, tema de tradição setecentista retomado por Ingres, surge no século XIX outro gênero de meditação sobre a morte do artista que poderíamos chamar o retrato do artista como morto, ou moribundo. A demonstração deve incursionar na interação (ou falta dela) dessa problemática com alguns artistas brasileiros presentes em Paris no período.

Nosso percurso começa com *A Morte de Francesco Francia à vista da 'Santa Cecília' de Rafael* de Nicolas-Antoine Taunay, datável de 1808ca., tema a que Taunay retorna em 1824, em um momento muito diverso da situação artística parisiense. Ele se encerra em inícios do século XX. De uma reflexão de tipo sociológico, ao mesmo tempo derrisória e auto-derrisória da figura do artista, bem como do sentido presente e futuro de sua atividade, chega-se a um segundo tipo de meditação situando as relações entre o artista e a morte em um registro que se poderia considerar como propriamente meta-artístico.



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

A associação, não mais entre o artista e a morte, mas entre a arte e a morte, toma então de assalto o imaginário da pintura. Pode-se fixar nos terríveis anos 1888-1890 – que assistem ao suicídio de Van Gogh, à conversão de Huysmans e a publicação do *Retrato de Dorian Gray* – o momento mais agudo de ruptura de um campo de forças no interior do qual subsistia ainda o antigo paradigma da imitação da natureza, do qual o sonho impressionista da sensibilidade retiniana tinha sido, em certo modo, o último avatar. E é exatamente a partir desse triênio 1888-1890 que a negação do objeto da pintura toma a forma quase obsessiva de uma relação entre arte e morte

Artista, século XIX, morte